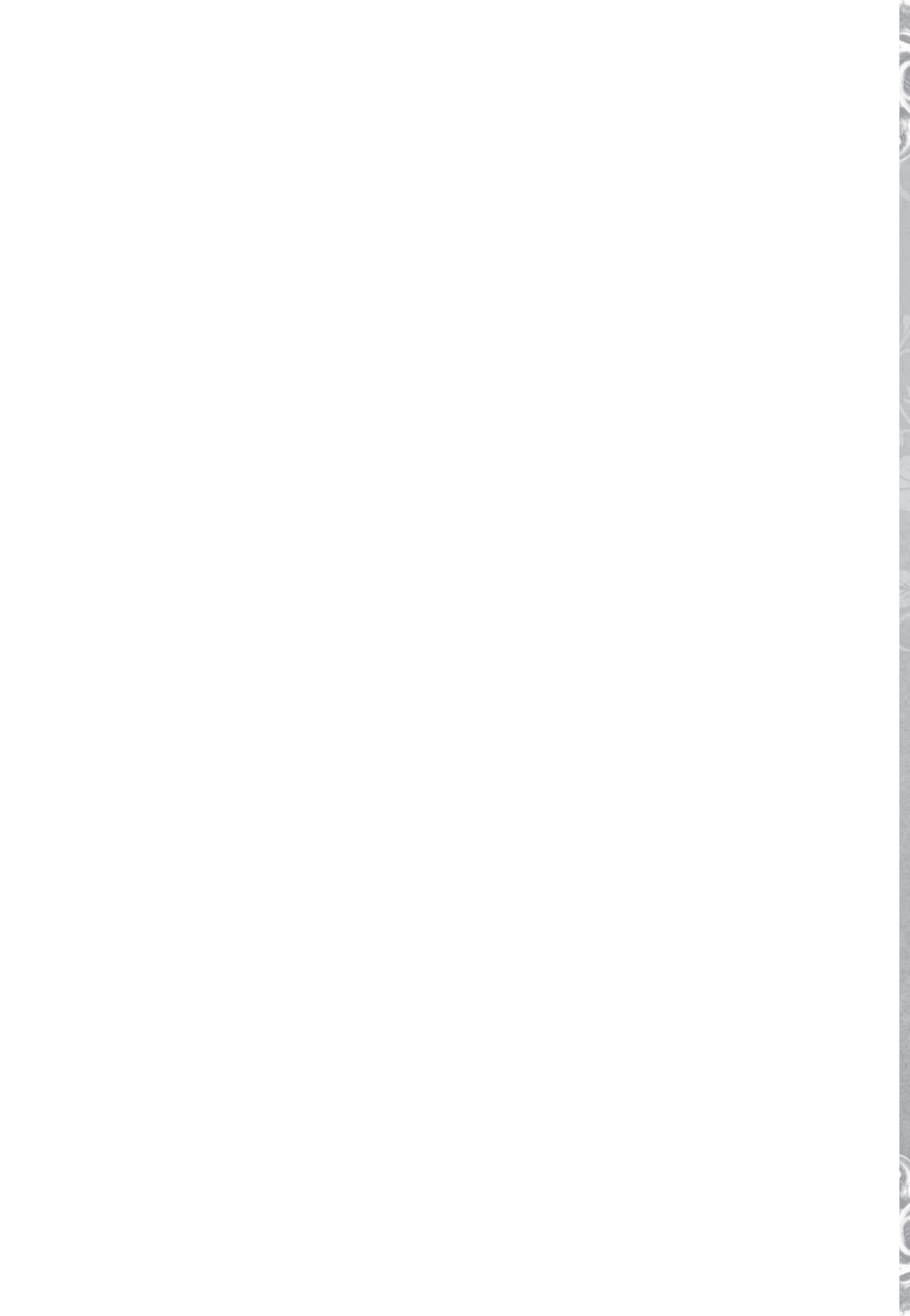


Jane Austen



ORGULHO
e
Preconceito



Jane Austen

Tradução
M. Ângela Santos

ORGULHO
e
Preconceito



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês <i>Pride and Prejudice</i>	Produção editorial e projeto gráfico Ciranda Cultural
Texto Jane Austen	Imagens Attitude/Shutterstock.com; Flower design sketch gallery/Shutterstock.com;
Tradução M. Ângela Santos	Olga Lebedeva/Shutterstock.com; Kamieshkova/Shutterstock.com; Studio DMM Photography, Designs & Art/ Shutterstock.com;
Revisão Beluga (Paula Medeiros) Fernanda R. Braga Simon	Jena_Velour /Shutterstock.com; Michal Sanca/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A933o	Austen, Jane
	Orgulho e Preconceito / Jane Austen ; traduzido por M. Angela Santos. - 3. ed. - Jandira, SP : Principis, 2019. 288 p. ; 15,5 cm x 22,6 cm.
	Tradução de: Pride and Prejudice Inclui índice. ISBN: 978-65-509-7043-7
	1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Santos, M. Angela. II. Título.
2019-2369	CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

3ª edição revista em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Capítulo 1	9
Capítulo 2	11
Capítulo 3	13
Capítulo 4	17
Capítulo 5	19
Capítulo 6	22
Capítulo 7	27
Capítulo 8	32
Capítulo 9	37
Capítulo 10	42
Capítulo 11	47
Capítulo 12	51
Capítulo 13	52
Capítulo 14	56
Capítulo 15	58
Capítulo 16	61
Capítulo 17	70
Capítulo 18	73
Capítulo 19	85
Capítulo 20	89
Capítulo 21	93
Capítulo 22	98
Capítulo 23	102
Capítulo 24	106
Capítulo 25	111
Capítulo 26	114
Capítulo 27	120
Capítulo 28	123
Capítulo 29	126

Capítulo 30	130
Capítulo 31	133
Capítulo 32	136
Capítulo 33	140
Capítulo 34	144
Capítulo 35	149
Capítulo 36	155
Capítulo 37	160
Capítulo 38	163
Capítulo 39	166
Capítulo 40	169
Capítulo 41	173
Capítulo 42	178
Capítulo 43	182
Capítulo 44	193
Capítulo 45	198
Capítulo 46	202
Capítulo 47	209
Capítulo 48	218
Capítulo 49	223
Capítulo 50	229
Capítulo 51	233
Capítulo 52	238
Capítulo 53	244
Capítulo 54	251
Capítulo 55	254
Capítulo 56	260
Capítulo 57	267
Capítulo 58	271
Capítulo 59	276
Capítulo 60	282
Capítulo 61	286



Prefácio

Orgulho e preconceito mostra como evoluíam os relacionamentos humanos em uma época em que não existia telefone nem automóvel. A comunicação a distância só acontecia por cartas, que eram levadas a cavalo. É um mundo que Jane Austen conhece muito bem: a sociedade provinciana inglesa do século XVIII.

A escritora nasceu no dia 16 de dezembro de 1775, em Hampshire, na Inglaterra. Era filha do reverendo George Austen e de Cassandra Austen. Jane, um dos maiores nomes da literatura inglesa ao lado de Shakespeare, publicou seu primeiro livro aos 17 anos: *Lady Susan*, uma paródia do estilo sentimental de Samuel Richardson.

Orgulho e preconceito (que inicialmente tinha o título de *Primeiras impressões*) é seu segundo livro, publicado em 1813. Outras publicações de sua autoria são *Razão e sensibilidade* (1811), *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1816).



Capítulo 1

Uma verdade mundialmente consagrada é a de que um homem solteiro, dono de uma grande fortuna, deve estar precisando se casar. Por menos que os sentimentos ou as ideias de tal homem sejam conhecidos, ao se estabelecer em um novo local, essa verdade está de tal forma enraizada na mente das famílias vizinhas que muitas delas consideram o rapaz propriedade legítima de uma das suas filhas.

– Caro senhor Bennet, sabe que Netherfield Park foi finalmente alugado? – perguntou a senhora Bennet certo dia. – Precisa saber, meu caro, que, pelo que a senhora Long me disse, Netherfield foi alugado por um homem muito rico do Norte da Inglaterra. Chegou, na segunda-feira, numa carruagem elegante puxada por quatro cavalos para visitar o local e ficou tão encantado que logo aceitou as condições do senhor Morris. Vem ocupar a casa ainda antes do Dia de São Miguel, e alguns dos seus criados deverão chegar já no fim da próxima semana.

– Qual é o nome dele?

– Bingley.

– É casado ou solteiro?

– Claro que é solteiro, meu caro! Um homem solteiro e muito rico, com rendimentos de quatro ou cinco mil libras anuais. Que acontecimento maravilhoso para as nossas filhas!

– Como assim? O que elas têm a ver com isso?

JANE AUSTEN

– Meu caro senhor Bennet, como o senhor é chato! Sabe muito bem que vejo a possibilidade de ele se casar com uma delas – comentou a senhora Bennet.

– É esse o motivo da mudança dele para cá?

– Motivo?! Que disparate! Porém, é muito natural que ele se apaixone por uma delas, e é exatamente por isso que você deve ir logo visitá-lo!

– Não vejo razão para isso. Pode perfeitamente ir com as meninas ou enviá-las sozinhas, o que talvez fosse preferível, pois, uma vez que você é tão linda quanto elas, o senhor Bingley poderia escolhê-la.

– Lisonjeia-me. Fui bonita nos meus tempos, mas não tenho essa pretensão agora. Quando uma mulher se torna mãe de cinco filhas crescidas, ela tem que deixar de pensar na própria beleza.

– Em tais casos, é raro uma mulher ter alguma beleza em que pensar.

– Mas, meu caro, você precisa visitar o senhor Bingley assim que ele chegar.

– É coisa que não lhe garanto, aviso desde já.

– Considere ao menos a sorte de suas filhas. Você não pode deixar de ir! Pense só que belo partido não seria para uma delas. *Sir William e lady Lucas* vão dar as boas-vindas unicamente por esta razão, pois, como sabe, não é costume deles.

– Creio que o senhor Bingley terá todo o prazer em recebê-la. Vou aproveitar a oportunidade para lhe enviar, por seu intermédio, um bilhete em que garanto meu pleno consentimento quanto ao seu casamento com a minha filha que mais lhe agrada. Entretanto, não posso deixar de incluir uma palavrinha a favor da minha pequena Lizzy.

– Espero que não faça tal coisa. Lizzy não é melhor do que as outras. Não é nem mais bonita do que Jane, nem tão alegre quanto Lydia, apesar de você sempre lhe dar a preferência.

– Lizzy tem uma vivacidade que as irmãs não têm.

– Sr. Bennet, como pode insultar suas filhas dessa forma? Tem prazer em me irritar. Não tem pena dos meus pobres nervos.

– Está redondamente enganada, minha querida. Tenho o maior respeito pelos seus nervos. São meus velhos amigos. Ouço falar deles há pelo menos vinte anos.

– Ah! Não sabe o que eu sofro.

– Espero que se recupere e viva o suficiente para ver chegar muitos jovens de quatro mil libras anuais aqui na vizinhança.

– Acontece que a chegada de vinte deles de nada serviria, uma vez que o senhor se recusaria a visitá-los.

– Minha querida, acredite: quando eles forem vinte, os visitarei a todos.

O senhor Bennet era uma mistura de petulância, sarcasmo, reserva e capricho. A convivência de vinte e três anos ainda não fora suficiente para a mulher compreender o seu jeito. Em contrapartida, a mentalidade dela era bem menos difícil de desvendar. Era de uma mulher de inteligência medíocre, cultura rudimentar e temperamento incerto. Quando irritada, procurava refúgio nos nervos. A principal ocupação da sua vida era casar as filhas, e o seu passatempo eram as visitas e os mexericos.

Capítulo 2

O senhor Bennet sempre pretendeu visitar o senhor Bingley, e foi um dos primeiros a ir conhecê-lo. Mas fez a mulher acreditar que não iria. Até a noite do próprio dia da visita ela não teve nenhum conhecimento do fato. Só soube quando o senhor Bennet, ao observar a segunda filha enfeitar um chapéu, de repente disse:

– Espero que o senhor Bingley goste, Lizzy.

E a mãe dela rebateu, magoada:

– Não temos como saber se o senhor Bingley vai gostar ou não, uma vez que não o podemos visitar.

– Mas, mãe, lembre-se de que nós o encontraremos em reuniões, e a senhora Long prometeu nos apresentar – comentou Lizzy.

– Não tenho nenhuma certeza de que a senhora Long faça tal coisa. Ela mesma tem duas sobrinhas. É uma mulher egoísta, hipócrita, e não a tenho em grande estima.

– Nem eu – concordou o senhor Bennet –, e alegre-me saber que a senhora abre mão da ajuda dela.

A senhora Bennet não se dignou a lhe dar uma resposta. Mas, incapaz de se conter, começou a repreender uma das filhas.

– Pare com essa tosse, Kitty, pelo amor de Deus! Tenha um pouco de compaixão dos meus nervos.

JANE AUSTEN

– Kitty não sabe tossir com discrição – disse o pai. – Não tem controle da tosse.

– Não o faço por divertimento – replicou Kitty, impertinente.

– Quando é o seu próximo baile, Lizzy?

– Daqui a quinze dias.

– Ora, pois é! – exclamou sua mãe. – E a senhora Long só regressa na véspera. Sendo assim, será impossível nos apresentar, pois nem ela o conhece ainda.

– Nesse caso, minha querida, a vantagem será sua, e você poderá apresentar o senhor Bingley à sua amiga.

– Impossível, senhor Bennet, impossível, pois eu mesma não tenho nenhuma familiaridade com ele. Que gozador o senhor é!

– Fico honrado com tamanha discrição. Um conhecimento de quinze dias é, na verdade, insuficiente. Nada de concreto se pode saber sobre um homem ao fim desses quinze dias. Mas, se não nos arriscarmos, outros arriscarão, e a essa altura a senhora Long e as sobrinhas não terão mais que aguardar a oportunidade. Porém, como tal gesto seria por ela considerado um ato de bondade, caso você se negue a prestar-lhe esse serviço, eu me encarregarei dele.

Então as garotas olharam espantadas para o pai. A senhora Bennet apenas disse:

– Que disparate!

– Qual o sentido de exclamação tão enfática? Considera um disparate as formas de apresentação e a ênfase que se lhes é dada? Nisso não estou de acordo. Qual a sua opinião, Mary? Você, que é jovem, sensata e perspicaz, que lê bons livros e deles extrai ensinamentos.

Mary quis dizer algo relevante, mas não sabia como.

– Enquanto Mary põe as ideias em ordem – prosseguiu ele –, voltemos ao senhor Bingley.

– Estou farta do senhor Bingley! – exclamou a mulher.

– É consternado que a ouço fazer tal afirmação. Por que não me preveniu antes? Se soubesse disso nesta manhã, não teria ido visitá-lo. Uma vez que a visita está feita, não podemos agora fugir de certa familiaridade.

O espanto provocado nas mulheres foi exatamente como ele quis, com o choque da esposa ultrapassando o das filhas. Apesar disso, passada a primeira efusão, a senhora Bennett declarou que dele não esperava outra coisa senão aquilo.

ORGULHO E PRECONCEITO

– Que bela atitude a sua, senhor Bennet. Mas eu sabia que acabaria convencendo-o. Tinha certeza de que o seu amor pelas pequenas não o deixaria indiferente. Oh, como estou contente! E que bela peça nos pregou ao ter ido lá nesta manhã e guardado segredo.

– Agora, Kitty, fique à vontade para tossir o quanto quiser – disse o senhor Bennet.

Dito isso, abandonou a sala, cansado dos arrebatamentos de sua mulher.

– Que pai excelente vocês têm, meninas – comentou a senhora Bennet quando a porta se fechou. – Não sei como algum dia vocês poderão retribuir tamanha gentileza; nem eu, neste caso. Eu lhes garanto que na nossa idade não é agradável estabelecer novos relacionamentos todos os dias, mas por vocês somos capazes de tudo. Lydia, querida, apesar de você ser a mais nova, ousou dizer que o senhor Bingley a tirará para dançar no próximo baile.

– Oh! – exclamou Lydia decidida. – Não tenho medo, pois, apesar de ser a mais nova, sou a mais alta.

O resto do serão passou-se em conjecturas sobre quando o senhor Bingley retribuiria a visita do senhor Bennet e quando deveriam convidá-lo para jantar.

Capítulo 3

Nem tudo aquilo que a senhora Bennet e suas cinco filhas puderam perguntar sobre o assunto foi suficiente para arrancar do senhor Bennet alguma informação interessante sobre o senhor Bingley. Elas o abordaram de diversas formas: com perguntas diretas, suposições engenhosas e conjecturas distantes; mas ele se esquivou de todas as perguntas, e elas não tiveram outro remédio senão se contentar com as informações de segunda mão fornecidas pela vizinha, *lady* Lucas. O que ela contou foi altamente favorável. *Sir* William havia se encantado com o recém-chegado. Disse que ele era bastante jovem, de boa aparência e extremamente simpático. E a melhor parte: ele tinha a intenção de aparecer no próximo baile, acompanhado de um numeroso grupo de amigos. Que coisa maravilhosa! Gostar de dançar era meio caminho andado para se apaixonar, e logo a senhora Bennet sentiu as esperanças no seu íntimo mais vívidas.

– Se uma das minhas filhas ficar instalada e feliz em Netherfield – disse a senhora Bennet para o marido – e todas as outras forem igualmente bem casadas, nada mais terei a desejar na vida.

Alguns dias depois, o senhor Bingley retribuiu a visita que lhe fora feita pelo senhor Bennet, e com ele conversou durante cerca de dez minutos no escritório. O jovem alimentara a esperança de ver as garotas de cuja beleza tanto ouvira falar, mas apenas tinha visto o pai. Elas, porém, tiveram um pouco mais de sorte, pois do alto de uma janela puderam verificar que ele trajava um paletó azul e montava um cavalo preto.

Logo em seguida, enviaram-lhe um convite para jantar, e a senhora Bennet já tinha planejado os pratos que dariam crédito aos seus dotes de boa dona de casa quando veio uma resposta que arruinou tudo. O senhor Bingley teria que estar na capital no dia seguinte, sendo então impossível aceitar a honra de tão amável convite. A senhora Bennet ficou bastante irritada. Não conseguia imaginar que espécie de negócios teria ele a tratar na capital após a chegada tão recente a Hertfordshire, e começou a recear que o senhor Bingley andasse num vaivém constante e não se instalasse de vez em Netherfield.

Lady Lucas aliviou-a um pouco desses receios, levando-a a supor que talvez ele tivesse ido a Londres para convocar o tal grupo numeroso para o baile. Em breve se espalhou a notícia de que o senhor Bingley traria consigo doze senhoras e sete cavalheiros. As garotas se afligiram com a quantidade de mulheres, mas logo sossegaram quando souberam que, em vez de doze, ele apenas trouxera de Londres seis pessoas: as cinco irmãs e um primo. E, quando o grupo entrou no salão, eram cinco ao todo: o senhor Bingley, as duas irmãs, o marido da mais velha e outro jovem.

O senhor Bingley era um homem belo e distinto. De semblante agradável, tinha modos delicados e simples. As irmãs eram igualmente bonitas, com um ar decididamente elegante. O cunhado, o senhor Hurst, não passava de um homem vulgar, mas o senhor Darcy, o amigo, logo chamou a atenção do salão pela sua alta e elegante estatura, os traços bonitos e o porte desenvolvido.

Cinco minutos após a sua entrada, correu o rumor de que o senhor Darcy tinha rendimentos no valor de dez mil libras anuais. Os cavalheiros o consideraram um belo tipo de homem, as senhoras declararam que ele era bem mais formoso do que o senhor Bingley, e o senhor Darcy foi longamente admirado, até seus modos deixarem transparecer uma chatice que muito afetou

ORGULHO E PRECONCEITO

a sua popularidade. A partir desse momento, o consideraram-no orgulhoso e presunçoso, longe de se mostrar divertido. Nem suas extensas propriedades em Derbyshire impediram que as pessoas o julgassem dono de uma expressão sinistra e desagradável, e indigno de comparação com o amigo.

O senhor Bingley logo tinha falado com todas as principais pessoas na sala. Alegre e animado, dançou todas as danças, lamentou o fato de o baile terminar tão cedo e falou em organizar um em Netherfield. Tais qualidades bastam. E que contraste entre ele e o amigo! O senhor Darcy dançou apenas uma vez com a senhora Hurst e outra com a senhorita Bingley. Não quis ser apresentado a nenhuma outra jovem e passou o resto da noite passeando pelo salão, conversando ocasionalmente com um ou outro membro do seu grupo. Seu caráter estava firmado. Era o homem mais orgulhoso e desagradável do mundo, e todos esperavam que ele não mais voltasse ao seu convívio.

Entre as pessoas mais contrárias a ele, figurava a senhora Bennet, cujo desgosto pelo comportamento do senhor Darcy foi intensificado pelo ressentimento de ele ter desdenhado de uma de suas filhas.

Graças à escassez de cavalheiros, Elizabeth Bennet fora obrigada a permanecer sentada por duas danças. Mas, numa altura em que o senhor Darcy estava perto dela, teve a oportunidade de ouvir a conversa que se seguiu entre ele e o senhor Bingley:

– Darcy, quero que venha dançar. Detesto vê-lo por aí sozinho. Seria melhor se dançasse.

– De modo algum. Você sabe como eu detesto dançar, a não ser que eu conheça bem o meu par. Em uma festa como esta, seria insuportável. Suas irmãs estão ocupadas e não existe outra mulher na sala com quem eu dançaria sem sacrifício.

– Eu nunca exigiria isso – exclamou Bingley. – Juro, nunca encontrei tantas garotas interessantes na minha vida... E você está vendo que algumas são excepcionalmente bonitas!

– Você está dançando com a única garota bonita da sala – disse o senhor Darcy olhando para a mais velha das irmãs Bennets.

– Oh! Ela é a criatura mais bela que eu já vi! Mas há uma irmã dela sentada bem atrás de você e que, além de muito bonita, me parece bastante simpática. Deixe que o meu par lhe apresente.

– Quem? – E, voltando-se, olhou demoradamente para Elizabeth, até que esta, devolvendo-lhe o olhar, o fez desviar o seu, e declarou com frieza: